
Angola rumo a meio século de Independência: Que lições podem ser observadas?

Gilson Lázaro¹
Yérsia Souza de Assis²

*Kwantundu Uzwela: “Ngaxiku Akwetu”, Kuzwela “Ngaxiku Ana Ndenge”. Hadya ki Uvutuka, Waasanga Akulu.*³

Angola cresce em idade, em histórias, em possibilidades, desafios, dilemas e cruzamentos. Cresceu, e se fez/faz Independente. Caminha para seu primeiro meio século distante do jugo colonial português e de tudo que pode ser atribuído a esse regime. Se tornou independente para ser livre ou mirando essa tentativa. Esforço este, em virtude de oferecer proposições sobre si, sobre seus reconhecimentos, e também como deseja ser reconhecida. País jovem, embora complexo nas suas nuances. Afinal, pouca idade não é sinônimo de falta de experiência e/ou expertise.

No seu percurso histórico essa jovem nação situada numa região conhecida também como África Austral já foi lida de distintas dimensões. Talvez, sendo, contemporaneamente, a principal diferença, o dispositivo da agência (Ortner, 2006) e do protagonismo: Angola busca pensar e enunciar sobre si a partir de suas próprias questões e atribuições. Por isso, cabe pensar a partir e através do provérbio escolhido para ser o prelúdio de nossa apresentação. Compreendendo assim, que um país cresce porque as pessoas crescem, suas cidades, suas vidas, suas histórias, seus problemas e soluções.

¹ Sociólogo, é Professor Associado do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN), em Luanda/Angola. Membro das Equipes Editoriais das Revistas *Anthropology Southern Africa* e *Travessias*. <https://orcid.org/0000-0003-2459-3157> ; Email: gilson.lazaro@uan.ao

² Doutora em Antropologia/UFSC. Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/CFP. Email: yersiaassis@ufrb.edu.br

³ Provérbio na língua Kimbundu, uma das línguas nacionais de Angola. Na tradução pode ser lido como: Diga: “deixei pessoas,” Não diga: “deixei crianças onde saí, porque ao regressar vais encontrá-las crescidas”. In: MANGUXI & AGOSTINHO, Pedro. 2 Impressões Digitais. Luanda: Kwanza Editora. 2018. p. 139.

Crescer, aqui, como uma direta menção ao sentido ofertado pelo provérbio: Crescer expressa autonomia e independência. Como referido, Angola cresceu, e isso significa que seus povos, suas gentes e as relações implicadas disso é que cresceram, se ampliaram e se amplificaram. Emergindo assim, novas exigências, enunciando novas perguntas, formulando novas respostas ou remodelando respostas obsoletas.

Angola celebrará a 11 de novembro de 2025, próximo ano, 50 anos de Independência do jugo colonial português. Observando esse itinerário, esse Dossiê considera as datas como recursos históricos que mobilizam camadas do mundo social, nos seus diversos espectros e contingências. Este momento que se aproxima, sem sombra de dúvida, oferece ocasião propícia para refletir sobre o percurso do país.

Elaboramos o presente dossiê temático com o intuito de refletir sobre as configurações que o país e seus projetos de nação estão produzindo, que emergem dos cruzamentos e das disputas, sejam as disputas de ordem discursiva, educacional, laboral, dos estilos de vida, e sobretudo das políticas. Uma nação que se caracteriza por constantes reconfigurações, como demonstram o conjunto de textos presentes neste dossiê. Nos interessou principalmente o que na contemporaneidade tem chamado atenção de pesquisadoras e pesquisadores que centram suas disposições analíticas em torno de Angola e suas dinâmicas.

Os trabalhos recepcionados oferecem um panorama interessante e sugestivo sobre a jovem nação: transitando sobre temas ainda não superados, como a vida política e suas estabilidades até o defrontar-se com a Pandemia da Covid-19, debate absolutamente contemporâneo e inédito, e neste caso, não só para Angola, mas para todo o mundo. Os textos do nosso Dossiê se organizaram a partir de uma sequência que pontua “antigos” dilemas até temas antes nunca experimentados, ou não experimentados na história vivida desde a Independência. As reflexões aqui trazidas, nos convida a observar esse país através do tempo presente e de todas as nuances que isso traz: incluindo assim, revisões sobre o passado, e projeções de futuro.

Dos sete textos presentes, escolhemos organizar um sumário que produziu tal delineamento: começamos com o texto ***“Angola no caminho da democracia: avanços e retrocessos”*** de Nathaly Xavier Schutz, preocupado em debater os avanços e limitações que a jovem democracia angolana experimenta. Tomando como mote as eleições e as implicações destas para a vida social angolana, o autor busca analisar como as fragilidades da vida política angolana na sua interface com processos democráticos acaba por configurar uma expressão atual e candente da história e das escolhas políticas e de poder do Estado angolano.

Em seguida, tem-se o texto ***“No Fio da Fronteira: reatualizando o diálogo sobre a inclusão da história, cultura e línguas nacionais de Angola no currículo oficial de ensino”*** de autoria de Mille Fernandes, Boubacar Keita e Abreu Paxé, o referido texto centra seus esforços na formulação de argumentos que encarem as políticas de ensino e formação. Considerando ainda ausentes nas salas de aula da educação básica e também do ensino superior, especialmente, na formação de professores. O texto defende uma alteração substancial nos currículos e nos modelos de ensino e aprendizagem, especialmente, nas abordagens sobre a história, a memória e a posição das línguas nacionais no espaço de produção de conhecimento e saberes. O texto questiona as políticas educacionais vigentes em Angola.

O Dossiê segue com o trabalho ***“As Ciências Sociais na Universidade Agostinho Neto: notas de um cotidiano acadêmico angolano”*** de Yérsia Souza de Assis. Souza traça um retrato do cotidiano da Faculdade de Ciências Sociais, do percurso desta instituição de ensino superior público no universo acadêmico angolano. Yérsia Souza mergulha no interior da instituição para falar dos seus planos curriculares e seus dramas. O texto demonstra as aspirações de seus interlocutores, e as representações que esses com quem dialogou produzem sobre si próprios, sobre a instituição e a forma como esta molda os seus caracteres, sonhos de formação, assim como a maneira de lidar com a densidade vasta do cotidiano acadêmico angolano. Ela conclui que, não obstante os inúmeros constrangimentos, discentes e docentes traçam com imaginação e dedicação seu futuro e da instituição.

De saber, que o debate das línguas nacionais e suas implicações educacionais têm tomado cada vez mais fôlego, além de se tornar uma pauta da agenda pública angolana, extrapolando as atenções apenas vinculadas às/aos intelectuais e linguistas. As línguas nacionais geram e produzem impactos e provocações em todo território angolano. Nesta senda, a contribuição do trabalho ***“Questões contemporâneas em Angola: a língua Umbundu como resistência anticolonial no Reino do Bailundo”*** de Santa Julia da Silva, faz uma abordagem que, primeiro, não parte da capital Luanda. Ademais, direciona uma análise que pensa os usos e estratégias atualizados feitos a partir dos falantes da língua Umbundu residentes no município do Bailundo correspondendo a circunscrição do anterior “Reino do MBailundo”. Apontando como agências e mediações acontecem a partir da presença de uma pesquisadora negra e ‘estrangeira’, conseguimos compreender como através da língua identidades são forjadas nesse território, noções de legitimidade e tradicionalidades são mobilizadas, e de como isso se reflete em acertos e ganhos políticos para o local, e os dilemas acarretados também.

Ao pensar sobre os dilemas, as análises presentes no ***“No Tempo de Agostinho Neto, Não Existiam Gays’: Arquivos Queer e a Luta por uma História LGBTIQ+ em Angola”*** de Caio Simões de Araújo, são intensas provocações acerca da temática LGBTQIAPN+ em Angola, abordando aspectos que buscam evidenciar historicidades sobre a temática homoafetiva, o texto reflete como tem sido os avanços e as limitações do país que em 2019 descriminalizou relações neste âmbito, bem como criminalizou a homofobia. Mudanças com efeitos legais, institucionais e simbólicos que alteraram as interações sociais. Ademais, o texto fornece informações que colaboram nas reflexões sobre as políticas sobre gênero e sexualidade.

Contribui também para pensar sobre as políticas de sexualidade em Angola, o texto ***“Da Íris ao Hongolo: o movimento LGBTQIA+ angolano no século XXI”*** de Tiago Ferreira, com uma atenção ao que pode ser considerada como as mobilizações ativistas e de ativismo LGBTQIAPN+ em

Angola, o texto se propõe em discutir e apresentar como entidades e organizações de caráter civil têm ocupado a agenda pública angolana, como têm disputado sentidos acerca das realidades LGBTQIAPN+, e como têm criado estratégias de presença e atuação. Oferecendo dados que alimentam perspectivas de como pensar as políticas sobre sexualidade em Angola.

Encerrando esse conjunto de textos e abordagens sobre Angola, o trabalho ***“Mercado Informal em Luanda e as políticas públicas sociais para mulheres em situação de vulnerabilidade, no período da Covid-19 (2020-2022)”*** de Michele Gonçalves Cardoso e Marina Kikusa Mendes, traz uma reflexão das mais contemporâneas ao investigar os impactos da Covid-19 na vida de mulheres trabalhadoras informais. Analisando a experiência laboral dessas mulheres que se modifica completamente e a forma como o Estado angolano tratou tal situação, o referido texto disponibiliza uma análise que triangula gênero, Covid-19 e políticas públicas em Angola.

De certo que um dos elementos que transversaliza todos os textos presentes no nosso Dossiê é a política, seja ela na sua interface mais naturalizada: o campo do Estado e da democracia. Mas também a política enquanto expressão do mundo social, das relações de poder, das interações entre o público e o privado, e sobretudo, como mediadora e reguladora da vida, e aqui, da vida social angolana. Essa política surge de diversos modos: nas políticas de ensino e formação; nas políticas linguísticas na sua interface de tradicionalidades e contemporaneidade; nas políticas sobre sexualidade; nas políticas de gênero e trabalho. Sendo assim, os textos fazem uma convocação para que se reflita quais lições políticas Angola tem vivido, pensado e projetado. De algum modo, retornando assim, ao lugar matriz ou lugar de nascimento desses quase 50 anos de Independência: a luta política, outrora contra o jugo colonial português, e hoje atualizada pelos próprios dilemas e lutas internas que circundam o país.

Este número temático buscou discutir a dinâmica do avançar dos anos da Independência em Angola. Este marco no calendário civil e político de Angola se desenha como justificativa suficiente na provocação de novas análises, atualizações e lançamento de novos questionamentos sobre os

processos sociais, históricos, culturais, de gênero, de sexualidade, educacionais, sanitário e etc, temáticas que acompanham as paisagens sociais angolanas que subsidiam as reflexões aqui apresentadas.

Nosso Dossiê se junta a outras iniciativas - *Angola: a festa e o luto* (2000); *Angola: à procura do seu passo* (Ferreira et al, 2002); *Os 40 anos de independência dos PALOPs* (Tomás et al, 2016); *Angola: Nationalist Narratives and Alternative Histories* (Ball e Gastrow et al, 2019) e *Angola 45 anos. O político, o Social, o Econômico e o Cultural: entre balanços e perspectivas* (Vera Cruz et al, 2021) - que também buscaram analisar e compreender Angola através do ponto de vista dos seus aniversários de Independência, especialmente, pela viabilidade de produzir balanços e análises abrangentes. Compreendendo o tempo como sendo esse percurso histórico que impacta e oportuniza mudanças, descartes, aderências e embates.

Por fim, gostaríamos de destacar que esse Dossiê expressa também aproximações e parcerias instigantes entre intelectuais de Angola e do Brasil. Esta apresentação exprime essa observação, considerando que aproximações são fruto dos investimentos políticos de caráter científico - educacionais que pautaram os últimos decênios entre Angola e o Brasil. Entendemos assim, que essas parcerias contribuem para Angola crescer, auxiliam nas observações de pensar como Angola já cresceu, e se comprometem em mirar como Angola escolherá seus caminhos de continuidade do crescimento.

Referências bibliográficas

- ANGOLA. A Festa e o Luto – 25 anos de Independência. Lisboa: Veja, 2000.
- BALL, Jeremy & GASTOW, Claudia (Org.). *Angola: Nationalist Narratives and Alternative Histories*, Kronos (Southern African histories), Vol. 45, n. 1, 2019.
- CRUZ, Elizabeth, MANUEL, Carlos, QUIXIMA, Yuri (Org.). *Angola 45 anos. O Político, o Social, o Econômico e o Cultural: Entre balanços e perspectivas*, Luanda: Mayamba, 2021.
- FERREIRA, Manuel Ennes (Org.). *Angola: à procura do seu passo*. *Política Internacional*, n.25, 2002.

ORTNER, Sherry. *Anthropology and Social Theory: Culture, Power, and the Acting Subject*, Duke University Press, 2006.

TOMÁS, António (Org.). Special Section: Forty years of independence of Lusophone Africa, *Social Dynamics*, Vol. 42, Issue 1, 2016.